

Rastreamento do câncer de colo do útero no Estado de São Paulo: análise dos dados do SISCOLO no período de 2007 à 2013

Bárbara de Q. M. B. Ono¹, Fernanda V. R. Callegari², Maristela C. Patta²

1. Estudante de IC da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; *barbaraono@hotmail.com
2. Pesquisadora do Departamento de Medicina, UFSCar, São Carlos/SP

Palavras Chave: *câncer de colo do útero, programa de rastreamento, sistema de informação*

Introdução

O câncer de colo do útero é o terceiro tumor mais incidente na população feminina brasileira. É uma doença de evolução lenta, passível de prevenção secundária por meio da realização sistemática do exame citopatológico do colo do útero. No sistema público de saúde brasileiro, os resultados dos exames citopatológicos são cadastrados em um sistema informatizado, disponível para consulta pública, denominado SISCOLO. Este sistema apresenta dados sobre características da oferta, qualidade dos exames, perfil das alterações celulares e seguimento informado de mulheres com alterações no exame citopatológico, possibilitando avaliar a qualidade e a eficiência dos programas de rastreamento tanto a nível nacional como regional. O objetivo desse trabalho foi estabelecer um panorama geral do programa de rastreamento do câncer de colo do útero no Estado de São Paulo, por meio da análise dos dados do SISCOLO no período de 2007-2013.

Resultados e Discussão

No período analisado, 75,9% dos exames foram feitos na faixa etária de 25 a 64 anos, definida pelas diretrizes nacionais como alvo do programa de controle do câncer do colo do útero. Aproximadamente 36,7% das mulheres da população alvo coletaram o exame anualmente; cerca de 19,4% e 6,6% com intervalos de dois e três anos, respectivamente. No que se refere a qualidade da amostra, 0,16% das amostras foram rejeitadas para análise, sendo 47,5% das rejeições por erro de identificação, seguido de 36,4% por causas alheias ao laboratório. Aproximadamente 0,8% das amostras foram consideradas insatisfatórias para análise, tendo como principal causa artefatos e dessecamento. A representatividade da Zona de Transformação (ZT) nas amostras manteve-se entre 53% e 59% ao longo do período analisado. Foram detectadas anormalidades citológicas em 3,8% dos exames, percentual concordante com a prevalência esperada de 3 a 10% de exames alterados para uma determinada população (Figura 1). Este índice de positividade sugere que alterações suspeitas estão sendo adequadamente identificadas. A alteração citopatológica mais frequente foram as atipias celulares escamosas (61% dos casos), sendo predominante nas mulheres de 25 a 64 anos (64%). As lesões intraepiteliais de baixo grau foram predominantes nas mulheres com menos de 25 anos (42%), enquanto as lesões intraepiteliais de alto grau ocorreram com maior frequência nas mulheres entre 25 e 64 anos de idade (8%). O carcinoma epidermóide, os adenocarcinomas in situ e invasor e as outras neoplasias ocorreram com maior incidência em mulheres com mais de 64 anos (Figura 2).

O percentual do seguimento de mulheres com lesões de alto grau foi de 19,7%.

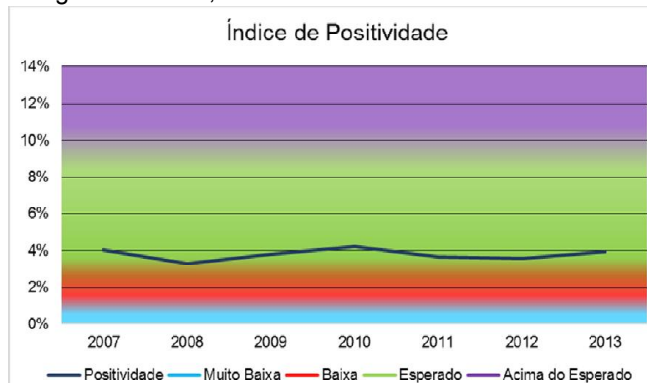


Figura 1. Proporção de exames alterados (Índice de Positividade), São Paulo, Brasil, 2007-2013.

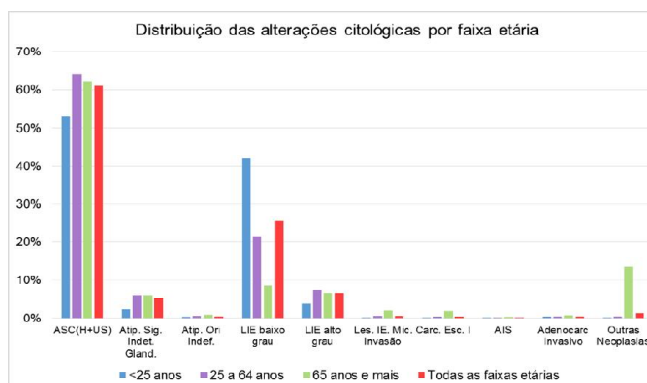


Figura 2. Tipo de alteração celular no exame citopatológico do colo do útero segundo faixa etária, São Paulo, Brasil, 2007-2013.

Conclusões

Apesar dos exames terem sido direcionados à população-alvo e a positividade encontrar-se dentro da faixa esperada, a concentração das lesões com alta probabilidade de evoluir para o câncer invasivo na faixa etária de 25 a 64 anos, reforçam a necessidade de investimento em estratégias para ampliar cobertura do exame citopatológico do colo do útero no Estado de São Paulo. Em relação ao seguimento de mulheres com lesão de alto grau, é necessária a reflexão entre se há baixa capacidade de serviços de saúde em se adequarem neste quesito, ou se há inconsistência da base do SISCOLO por abastecimento inadequado de dados, influenciando na necessidade de intervenção do mesmo.

Agradecimentos

Instituição de fomento: CNPq